

POTENCIALIDADES DA PESQUISA COLABORATIVA E SUA APLICAÇÃO NA EDUCAÇÃO

Maria de Fátima de Mello (UFU)
fatima.1407@hotmail.com

RESUMO

Neste estudo, procuramos encontrar elementos teóricos que apontem as potencialidades da pesquisa colaborativa e mais especificamente da pesquisa-ação e da pesquisa participante e seu caráter colaborativo no planejamento e na execução de projetos. De acordo com Alice Yoko Horikawa (2008), a pesquisa colaborativa representa uma escolha metodológica que pode promover, no contexto escolar, um espaço permanente de reflexão, tendo em vista que as práticas discursivas da sala de aula são analisadas e suas relações com as teorias de ensino-aprendizagem são investigadas, pois o centro do processo passa a ser os objetivos traçados pelos agentes do trabalho pedagógico e a busca de encontrar as divergências entre a meta pretendida e o trabalho efetivamente realizado. Na modalidade da pesquisa-ação, segundo Michel Thiollent (2011), os pesquisadores estão ativamente envolvidos com os problemas encontrados na realidade ou no grupo estudado. Daí a sua característica participativa, pois, pesquisador e pesquisado devem estabelecer, uma relação colaborativa, ou seja, tanto o pesquisador como o pesquisado tem um resultado a ser apropriado através do estudo realizado. Na metodologia da pesquisa participante, há a possibilidade de colocar em ação novos usos para práticas já estabelecidas, assim como viabilizar a formação de novos conceitos. Fábio José Rauen (2201) destaca que, no processo de inserção, o pesquisador deve considerar que ele é um elemento que está no grupo, mas não é do grupo. O estudo aponta também para a importância da aplicação da pesquisa colaborativa no Ensino de língua portuguesa com o objetivo de contribuir para uma ampliação da capacidade crítico-reflexiva do professor ao propor uma maior interação entre sua práxis pedagógica e o conhecimento teórico e científico.

Palavras-chave:

Metodologia. Pesquisa colaborativa. Pesquisa-ação. Pesquisa participante.

1. Introdução

De caráter bibliográfico, esta pesquisa visa contribuir para o conhecimento de mestrandos e doutorandos em relação às modalidades da pesquisa qualitativa, tendo em vista a necessidade de escolha do enfoque metodológico mais adequado para realização de seus projetos de pesquisa. O objetivo é apresentar as contribuições da pesquisa colaborativa na área da educação e mais especificamente no ensino de língua portuguesa.

Para enriquecer o conhecimento científico, são criadas diversas metodologias e, mais especificamente na área das ciências humanas utilizando-se, por exemplo a pesquisa-ação, a pesquisa participante como

metodologias consideravelmente eficazes no que se refere a obtenção de resultados de pesquisa.

Alice Yoko Horikawa (2008 *apud* MAGALHÃES, 2004) aponta que, na dimensão colaborativa de pesquisa, fica clara a compreensão de que o pesquisador deve se aproximar dos participantes de pesquisa, para entender seus sistemas de interpretação da realidade vivenciada, bem como a forma como esses sistemas organizam seus comportamentos, e partilhar com eles os significados construídos.

Para esta autora, mais do que descrever a cultura escolar, o pesquisador colaborativo insere-se no processo de construção dessa cultura, aproximando-se de pessoas, situações, locais e eventos típicos do local de pesquisa no sentido de procurar entender os significados do mundo social pelo homem, em um processo de interpretação e reinterpretação de sua experiência.

A autora defende ainda que na interlocução pesquisador-professor, pode ocorrer a minimização dos descompassos entre a meta pretendida e o trabalho efetivamente realizado, pois a partir de negociações que se voltam à reconstrução da prática do professor, busca-se de modelo de ensino-aprendizagem que considera a construção compartilhada de conhecimentos.

Assim, a pesquisa colaborativa pode trazer importantes contribuições para o campo da educação, bem como na formação continuada do professor, pois propõe desenvolver o trabalho de formação em oposição à perspectiva de transmissão de teorias ou de implantação de novas metodologias de ensino sem a participação do professor.

2. A pesquisa colaborativa e ampliação da capacidade crítico-reflexiva do professor

A pesquisa colaborativa representa uma escolha metodológica que pode promover, no contexto escolar, um espaço permanente de reflexão, tendo em vista que as práticas discursivas da sala de aula são analisadas e suas relações com as teorias de ensino-aprendizagem são investigadas, pois o centro do processo passa a ser os objetivos traçados pelos agentes do trabalho pedagógico e a busca de encontrar as divergências entre a meta pretendida e o trabalho efetivamente realizado. (HORIKAWA, 2008)

Adotando os preceitos da pesquisa colaborativa, a autora cita Liberali (2004, p. 109) que reafirma a importância da linguagem no desenvolvimento da capacidade crítico-reflexiva do professor. “(...) ensinar as capacidades de linguagem seria uma forma de instrumentalizar os educadores para um tipo de pensamento sobre sua ação que estivesse voltado à transformação de educadores em agentes críticos. (p. 25)

Assim, enfatiza-se a necessidade de o professor questionar sua prática, compreendendo o que faz, como faz, por que faz e como pode fazer diferentemente.

Nessa interação pesquisador-professor, o pesquisador lança questões a respeito da ação do professor, para que ele realize as conexões entre os objetivos pretendidos, a ação realizada e as teorias que podem esclarecê-la. Nessa interação, é importante que o professor possa expor seus pensamentos, suas convicções, fundamentá-los, confrontá-los e reorganizá-los.

A respeito da formação do professor crítico-reflexivo, Alice Yoko Horikawa cita Smyth (1992) que ressalta a sistematização do processo reflexivo por meio de quatro ações básicas: descrever, informar, confrontar e reconstruir. Na ação de descrever, o profissional expõe, da maneira mais objetiva possível, as ações por eles desencadeadas na realização de uma atividade profissional, permitindo-se aos participantes uma interação reflexiva observar de forma distanciada uma ação, evitando pré-julgamentos e juízos de valor antecipados, bem como desenvolver discursos sobre a própria ação reflexivamente. (p. 25)

Na ação do informar, o enfoque é alcançar a compreensão sobre os conhecimentos, princípios e valores que embasaram a prática descrita e de identificar os motivos que definiram as escolhas realizadas, recuperando, assim, as teorias que embasaram sua prática pessoal e profissional.

Na ação do confrontar, realiza-se a análise da prática, com o objetivo de relacioná-la ao contexto cultural, social e político em que está inserida e assim perceber que ela não é resultado de escolhas aleatórias, mas de condições históricas que refletem a forma como o profissional define a situação de trabalho analisada. Dessa forma, os pesquisadores participam das atividades desenvolvidas no espaço escolar registram interações relacionadas a essas atividades e realizam análise sobre elas.

Ao apresentar aos professores perguntas que os levam a descrever, informar, confrontar e reconstruir suas ações, os pesquisadores se

transformam em mediadores que, por meio da interação, realizam um processo de ensino-aprendizagem de ações discursivas que favorece a reflexão crítica sobre a prática do professor.

Nesse ponto, de acordo com a autora é que reside o verdadeiro valor da colaboração na relação pesquisador-professor, pois o professor identifica o lugar do pesquisador-formador e o pesquisador identifica o lugar do professor. Assim, “pesquisador e professor interagem e passam a atuar na interação, a partir não só do seu lugar, mas a partir do lugar que o outro lhe coloca”. (p. 40)

Portanto, não se trata apenas de executar um esquema formatado de reflexão, mas de se proporcionar e estimular a práxis pedagógica por meio da articulação entre as necessidades de formação dos professores e a compreensão histórico-social dessa prática.

3. Outras modalidades de Pesquisa

3.1. A pesquisa participante

A pesquisa participante desenvolve-se a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. Em uma pesquisa tradicional a população pesquisada é considerada passiva. Desse modo, os resultados da pesquisa ficam reservados aos pesquisadores, e a população não é levada a conhecer tais resultados e a discuti-los.

Nesse sentido, não existe um modelo único de pesquisa participante. Trata-se, portanto de, em cada caso, de adaptar o processo às condições particulares de cada situação concreta (os recursos, as limitações, o contexto sociopolítico, os objetivos perseguidos, entre outros.

Em outros termos, a pesquisa participante refere-se, a uma pesquisa da ação voltada para as necessidades básicas do indivíduo e responde especialmente às necessidades de populações de classes carentes levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir.

Na metodologia da pesquisa participante, há a possibilidade de colocar em ação novos usos para práticas já estabelecidas, assim como viabilizar a formação de novos conceitos. Na caracterização das pesquisas, primeiro formula-se o problema. Depois, há o levantamento de informações para explicar a situação problemática que o grupo enfrenta. Em seguida, formula-se uma proposta a ser implementada visando melhorias no processo pressupondo-se um conhecimento objetivo da reali-

dade do grupo pesquisado. Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador é agente e paciente, pesquisador e pesquisado.

Fábio José Rauén (2002) aponta que a observação participante pressupõe cinco fases: a) aproximação do grupo; b) processo de inserção; c) observação; d) análise crítica dos dados colhidos; e) retorno para discussão e avaliação dos resultados. O autor acrescenta que, no processo de inserção, o pesquisador deve considerar que ele é um elemento que está no grupo, mas não é do grupo. Ademais, tendo em vista que ser o processo de inserção uma fase crítica da observação participante, diz-se que, nessa fase, há uma constante tensão entre objetividade e subjetividade, sendo este um desafio constante para o pesquisador.

3.2. Pesquisa-ação

De acordo com Serge Desgagné (2007), a literatura científica menciona uma multiplicidade de denominações, contudo, não as distingue de maneira satisfatória. Pesquisa em parceria, pesquisa colaborativa e pesquisa-ação. Para esse autor, a pesquisa colaborativa supõe um parentesco com a pesquisa-ação, pois por meio de um processo sistemático de exploração na ação, ela mobiliza os docentes em torno de um projeto de questionamentos sobre suas práticas. Podemos assim, associar essa abordagem ao conceito de pesquisa-ação colaborativa. Entretanto, ainda segundo Serge Desgagné, os conceitos de pesquisa-ação e de pesquisa colaborativa se ligam a interesses ideológicos um pouco diferentes. A pesquisa-ação – mais próxima em sua motivação de origem, de uma necessidade de recuperar para os docentes o poder sobre sua prática, fazendo deles os pesquisadores, práticos que questionam sua prática. Para esse autor, a pesquisa colaborativa, em sua origem, aproxima-se de uma necessidade de reaproximar os pesquisadores e os docentes em vista de uma coconstrução de sentidos, sem a pretensão de transformar docentes em pesquisadores e sem fazer dessa identidade de docente-pesquisador uma condição de emancipação.

Assim, a pesquisa-ação associa-se a uma linha de pesquisa ligada a formas de ação coletiva orientada em função da resolução de problemas ou de transformação. Em outras palavras, a pesquisa-ação vai além da participação do pesquisador, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional e técnico e conta com a participação do pesquisador.

Nessa modalidade, os pesquisadores estão ativamente envolvidos com os problemas encontrados na realidade do grupo estudado. Daí a sua característica participativa, pois, pesquisador e pesquisado estabelecem uma relação colaborativa, ou seja, tanto o pesquisador como pesquisado apropriam-se dos resultados do estudo realizado.

Esta metodologia de pesquisa tem como característica principal à necessidade da inserção do pesquisador no meio, resultando num processo de aprendizagem coletiva, com o intuito de minimizar as desigualdades sociais entre pesquisador e pesquisados, ou seja, uma metodologia de pesquisa que possa fazer com que após o seu desenvolvimento e execução tenha condições de promover mudanças no contexto pesquisado.

Denise Meyrelles de Jesus, Alexandro Braga Vieira e, Ariadna Pereira Siqueira Effgen (2014) denominam a pesquisa-ação colaborativo-crítica abordagem investigativa, epistemológica e política de produção de conhecimento para educar na diferença e como aporte para a formação docente. Evocando, portanto, uma disposição subjetiva e social nos participantes de se deixar envolver pela vida cotidiana, pela compreensão das tensões com o coletivo, de perceber e pensar suas possíveis rupturas. “Praticar a pesquisa-ação convoca-nos a reconhecer no outro, ao mesmo tempo a identidade e a diferença.

Em Denise Meyrelles de Jesus (2005), a natureza colaborativa da investigação-ação coloca os profissionais envolvidos no processo de pesquisa no lugar de sujeitos construtores do conhecimento, por estarem incorporados ao discurso e à discussão dos caminhos da investigação, uma vez que esse movimento busca diálogos com as vontades de conhecer desses sujeitos- o problema de investigação nasce das demandas do cotidiano. A ideia de construção coletiva permite, assim, reconhecer a escola como espaço de ações excludentes, mas nela também, há uma pluralidade de invenções, de artes de fazer que tornam a escola mais receptiva às necessidades humanas.

A aplicação da pesquisa-ação nas ciências humanas é de exploração das representações dos sujeitos diante de uma situação, ou seja, análise de organização social. Possui um caráter colaborativo tanto no planejamento como na execução do projeto. A utilização desta metodologia se justifica pela incapacidade da ciência em resolver problemas sociais, democráticos, etc. Além dessas características apresentadas, é necessário apontar algumas outras em relação seu desenvolvimento e aplicação.

Assim, este tipo de pesquisa pretende provocar uma mudança tanto de ordem psicológica como de ordem social. Em Renée Barbier (2002) e Teresa Maria Frota Haguete (2001), são quatro os tipos de pesquisa-ação:

- i) *Pesquisa-ação de diagnóstico*: identificação das tensões e indicação de propostas de solução para os problemas.
- ii) *Pesquisa-ação participante*: envolve membros da comunidade desde o início.
- iii) *Pesquisa ação empírica*: acumula dados de experiências vividas por um grupo social.
- iv) *Pesquisa-ação experimental*: controla as diferentes técnicas para os mesmos casos.

Na modalidade da pesquisa-ação, segundo Michel Thiollent (2011), os pesquisadores estão ativamente envolvidos com os problemas encontrados na realidade ou no grupo estudado. Daí a sua característica participativa, pois, pesquisador e pesquisado devem estabelecer, uma relação colaborativa, ou seja, tanto o pesquisador como o pesquisado tem um resultado a ser apropriado através do estudo realizado.

O autor observa que:

Entre as diversas definições possíveis, a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (p. 20)

Assim, o objetivo é uma ação coletiva e colaborativa que estimule estudantes e/ou profissionais a se aprofundarem na compreensão e interpretação de sua própria prática.

Ele acrescenta quem tendo em vista sua orientação prática, a pesquisa-ação volta-se para diferentes áreas de atuação operando principalmente como pesquisa aplicada em áreas como comunicação social, serviço social, tecnologia, práticas políticas e sindicais e educação.

3.2.1. A pesquisa-ação na educação

A pesquisa-ação é um processo que visa melhorar ou resolver uma situação detectada pelo professor, por exemplo, na sua prática edu-

cativa, por meio de estratégias de ação elaboradas coletivamente, unindo o ensino, a avaliação, a pesquisa e o desenvolvimento profissional e a articulação entre os problemas e proposta de solução.

As propostas de pesquisa-ação desenvolvidas no Brasil vão alinhar-se aos desejos de mudanças e estão relacionadas aos movimentos de classes, sindicais, movimentos de estudantes, entre outros.

Segundo Michel Thiollent (2011), a utilização da pesquisa-ação no meio educacional se reservou às pesquisas em torno da educação de jovens e adultos, a formação sindical, formação de líderes comunitários, etc.

Um fato a ser considerado é a capacidade de construir conhecimentos, inclusive pedagógicos, que podem ser aplicados na realidade local para solução dos problemas escolares. Esse momento de identificação dos problemas pode ser visto como tomada de consciência da existência de problemas e situações complexas no meio pesquisado.

O autor destaca:

A pesquisa ação promove a participação dos usuários do sistema escolar na busca de soluções aos seus problemas. Este processo supõe que os pesquisadores adotem uma linguagem apropriada. Os objetivos da pesquisa são constantemente reafirmados e afinados no contato com as situações abetas ao diálogo com os interessados. Na reconstrução, não se trata apenas de observar ou descrever. O aspecto principal é projetivo e remete à criação ou ao planejamento. O problema consiste em saber como alcançar determinados objetivos, produzir determinados efeitos, conceber objetos, organizações, práticas educacionais e suportes materiais com características e critérios aceitos pelos grupos interessados. (THIOLLENT, 2011, p. 85)

Assim a pesquisa-ação mostra-se um importante instrumento de formação docente que habilita o professor a elaborar e aplicar metodologias capazes de atender as necessidades dos alunos, a refletir criticamente em torno das políticas públicas de educação, bem como sobre as dificuldades apresentadas no processo de ensino e aprendizagem.

No que se refere à diferença entre pesquisa-ação da pesquisa participante, O autor observa ainda que é uma questão de terminologia. Dessa forma, toda pesquisa-ação é de tipo participativa. Em outros termos, nas duas modalidades é fundamental a participação pessoas implicadas nos problemas investigados.

Importante destacar que nem toda pesquisa participante é pesquisa-ação, pois a pesquisa participante, em alguns casos, baseia-se em uma

metodologia de observação participante na qual os pesquisadores estabelecem relações comunicativas com pessoas ou grupos da situação investigada para alcançarem uma aceitação.

Assim, a participação é dos pesquisadores e apresenta-se como uma forma de identificação com os valores e os comportamentos que são necessários para a sua aceitação pelo grupo considerado.

Portanto, com a aplicação da pesquisa-ação ou participante cria a possibilidade de transformação social, em um contexto de desigualdades. A ação formativa, principalmente junto aos movimentos sociais populares, exige questionamentos permanentes da realidade na qual expressam-se lutas e embates sociais.

4. Considerações finais

No método qualitativo, o pesquisador envolve-se na vida dos sujeitos participantes, pois os seus procedimentos baseiam-se em conversas, escutas e levam em consideração a expressão livre dos participantes, colaborando assim para aproximar pesquisador e pesquisados. Esta proximidade exige do pesquisador uma atenção contínua para manter o foco da pesquisa principalmente para não induzir as respostas dos sujeitos pesquisados. Por ser um trabalho colaborativo, o pesquisador coloca-se pronto para o diálogo e disposto a partilhar com o grupo estudado o conhecimento atingido no percurso da pesquisa.

Com essa orientação metodológica da pesquisa ação, por exemplo, os pesquisadores em educação estão aptos a produzir conhecimentos de uso mais efetivo em nível pedagógico. “Essa orientação contribui para esclarecimentos de situações escolares e para a definição de objetivos de ação pedagógica e de transformações mais abrangentes”. (THIOLLENT, 2011, p. 85)

Ainda de acordo com esse autor, a proposta de metodologia pesquisa-ação procura transformar ideias em ações, ou seja, faz parte de uma concepção de conhecimento que também seja ação.

Em outros termos, não basta descrever e avaliar, quando a questão é construir ou reconstruir o sistema de ensino, precisamos também gerar ideias. Esse é um aspecto importante a ser considerado.

De acordo com Alice Yoko Horikawa, a pesquisa colaborativa aponta para a importância da centralidade da linguagem e do discurso no

encaminhamento de propostas pedagógicas transformadoras, pois indicam a necessidade de uma “nova organização discursiva dos profissionais da educação, para viabilizar, discursivamente, a coconstrução dos saberes, na relação professor-aluno e na relação formador-professora. (p. 26). Ela destaca ainda que a análise dos discursos gerados nessas relações orienta para a importância de se observar a construção de discursos cada vez mais polifônicos, que considerem as vozes sociais trazidas para a instituição escolar pelos participantes do trabalho educativo. Dessa forma, “a voz da ciência deixa de ser a única voz a ser considerada na escola, atribuindo-se às vozes que historicamente foram excluídas da organização escolar o seu valor na construção de uma nova pedagogia”. (HORIKAWA, 2008, p. 27)

Nesse sentido, a autora observa que, tendo em vista que, em relação aos conhecimentos teóricos, os professores assumem a posição de quem sabe menos, a proposta de fazer com que o próprio professor realize a análise, o pesquisador colaborativo contribui para a transformação desse posicionamento, pois cabe ao formador identificar as vozes que lhe são atribuídas, analisá-las e acatá-las, na medida em que se coloca como mediador na construção do conhecimento por parte dos professores.

Para ela, a pesquisa colaborativa, portanto é uma forma de aproximar professores e a academia, o que contribui para a elaboração de novas compreensões sobre o trabalho realizado na instituição escolar, propiciando também um compromisso da academia na promoção do compartilhamento de conhecimentos teóricos com a prática pedagógica no ensino básico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIER, Renée. *A pesquisa-ação*. Brasília: Plano, 2002.

CABRAL, MarluCIA Barros Lopes. *Educação linguística aplicada e a pesquisa colaborativa: esboço de um estudo ensino-aprendizagem da linguagem verbal*, 2009. Disponível em:

<http://www.anpae.org.br/seminario/ANPAE2012/1comunicacao/Eixo04_37/MarluCIA%20Barros%20Lopes%20Cabral_int_GT4.pdf>.

DESGAGNÉ, Serge. O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. *Revista Educação em Questão*, Natal, vol. 29, n. 15, p. 7-35,

maio/ago.2007. Disponível em:

<<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4443/3629>>.

DEWEY, John. *Como pensamos*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1959.

HAGUETE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2001.

HORIKAWA, Alice Yoko. Pesquisa colaborativa: uma construção compartilhada de instrumentos. *Revista Intercâmbio*, LAEL PUC-SP, São Paulo, vol. XVIII, p. 22-42, 2008. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/viewFile/3550/2318>>.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. História de professores universitários: reflexões e diálogos. In: BALDI, Elena Mabel Brutten; PIRES, Gláucia Nascimento da Luz; FERREIRA, Maria Salomilde. *Políticas educacionais e práticas educativas*. Natal: Edufrn, 2011.

JESUS, Denise Meyrelles de. Formação continuada: construindo um diálogo entre teoria, prática, pesquisa e educação inclusiva. In: JESUS, Denise Meyrelles de; BAPTISTA, Claudio Roberto; VICTOR, Sonia Lopes (Org.). *Pesquisa e educação especial: mapeando produções*. Vitória: Edufes, 2005, p. 203-218.

_____; VIEIRA, Alexandro Braga; EFFGEN, Ariadna Pereira Siqueira. Pesquisa-ação colaborativo-crítica: em busca de uma epistemologia. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, vol. 39, n. 3, p. 771-788, jul./set.2014. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/edreal/v39n3/v39n3a08.pdf>>.

LEWIN, Kurt. *Problemas com dinâmica de grupo*. São Paulo: Cultrix, 1948.

MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo. A linguagem na formação de professores como profissionais reflexivos e críticos. In: _____. (Org.). *A formação do professor como um profissional crítico*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004, p. 59-85.

RAUEN, Fábio José. *Metodologia da pesquisa científica*. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Luciana dos; COSTA, Reginaldo Rodrigues da; TREVISAN, Tatiana Santini. Pesquisa ação e participante: suas contribuições para o conhecimento científico. *Docplayer*. Disponível em:

<<http://docplayer.com.br/15137188-Pesquisa-acao-e-participante-suas-contribuicoes-para-o-conhecimento-cientifico.html>>.

THIOLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2011.